

O desenvolvimento econômico de Caxias do Sul na perspectiva do acervo do Museu Municipal¹

Me. Fabiana de Lima Sales.²

Docente da Faculdade Integrada de Pernambuco - FACIPE.

Resumo

O presente artigo, de fios múltiplos e corte qualitativo, tem por objetivo traçar um breve panorama do desenvolvimento econômico de Caxias do Sul/RS, de forma a esboçar o quadro maior dentro do qual se insere a narrativa oferecida a visitantes e à comunidade em geral, construída pelo acervo do Museu Municipal da cidade. São realizados, para tanto, pesquisa bibliográfica e uma visita monitorada, na qual a monitora do Museu narra, subsidiada pelas peças disponíveis no acervo, a trajetória de Caxias do Sul sob o prisma econômico. O texto mostra o papel de uma instituição como o Museu Municipal na construção ou fortalecimento de um discurso ideológico, no caso, aquele que atribui à figura do imigrante italiano a responsabilidade pelo desenvolvimento econômico da cidade.

Palavras-chave

Desenvolvimento Econômico – Imigração Italiana – Caxias do Sul/RS – Museu Municipal de Caxias do Sul.

Introdução

A cidade de Caxias do Sul/RS, pólo metal mecânico, destaca-se entre os centros econômicos do país. Em termos turísticos, integra o Roteiro da Uva e do Vinho, um dos mais visitados do Rio Grande do Sul, ao lado de cidades como Bento Gonçalves, Garibaldi e Carlos Barbosa. Caxias do Sul desenvolve, também, vários roteiros turísticos dentro da própria cidade como, por exemplo, os “Caminhos da Colônia”, “Trilhas Urbanas” e “Estrada do Imigrante”, buscando qualificar seu potencial turístico, utilizando para tanto o legado da cultura do imigrante italiano, o primeiro grupo europeu a chegar à região e marcá-la com uma produção econômica sob a lógica do capitalismo.

O presente artigo foi elaborado com o objetivo de analisar as informações transmitidas ao visitante e à comunidade local a respeito do desenvolvimento econômico

¹ Trabalho apresentado ao GT Turismo e Construções Simbólicas do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Especialista em Gestão e Desenvolvimento Sustentável do Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fabianalima_turismo@yahoo.com.br.

da cidade, utilizando, para esse fim, o discurso construído com base nas peças do acervo do Museu Municipal, expressivo atrativo turístico para a cidade, pelo acervo representativo da cultura do imigrante italiano e, ao mesmo tempo, importante espaço pedagógico extra-classe, onde se realizam diversas atividades voltadas para a comunidade local, utilizando o patrimônio cultural como recurso educacional.

1. Desenvolvimento econômico de Caxias do Sul.

A cidade de Caxias do Sul teve sua história iniciada com a chegada dos primeiros imigrantes italianos, em 1875, vindos da região do Vêneto, norte da Itália. Os imigrantes tiveram apoio do governo brasileiro sob a forma de alimentação, ferramentas e sementes para que pudessem semear a terra adquirida nas “colônias” e, dentro de alguns anos, restituir o auxílio oficial recebido (RIBEIRO, 1992).

Os imigrantes passaram as primeiras décadas bastante isolados de outras localidades devido à falta de estradas e meios de comunicação, o que viria a facilitar a manutenção de um modo de vida peculiar, centrado na produção agrícola independente e na economia de subsistência. Do ponto de vista social, todas as atividades nas colônias estavam em alguma medida ligadas à Igreja Católica, sendo a religiosidade um dos traços culturais mais marcantes nestes locais (RIBEIRO, *op. cit.*).

Em 1910, ocorre o primeiro passo rumo ao desenvolvimento econômico e político local: a colônia torna-se município, juntamente com a inauguração da estrada de ferro e chegada do trem à Caxias do Sul, o que permitiria, a partir de então, a distribuição da produção agrícola local. Em 1913, a cidade recebeu a energia elétrica. Outro fato que contribuiu para a divulgação da cidade de Caxias do Sul em todo o Brasil foi a realização da primeira edição da Festa da Uva, em 1933, que já trazia em seu bojo uma Feira Agroindustrial. Em 1942, foi inaugurada a BR 116 (então chamada BR 2) que propiciou a ligação da cidade com os grandes centros urbanos do país, inclusive com o Rio de Janeiro, na época, capital do Brasil. Em fevereiro de 1967, foi criada a Universidade de Caxias do Sul, promovendo a formação de profissionais em várias áreas e investindo em tecnologia e pesquisa, gerando mão-de-obra qualificada para as várias empresas da cidade e da região, de modo a consolidar o desenvolvimento econômico da cidade (TOMAZONNI, 2002).

O processo que desencadeou a vinda de migrantes para o Brasil no século XIX é fruto do desenvolvimento e consolidação do capitalismo na Europa, quando exclui o pequeno camponês e artesão dos novos processos econômicos de concentração do capital.

Além disso, países como Alemanha e Itália, entre os últimos países a aderir ao capitalismo, passavam, ainda, pela fase de unificação política para a constituição de estados nacionais, o que também foi causaria distúrbios e exclusão política (PESAVENTO, 1985).

Em paralelo à necessidade de diminuição dos fluxos populacionais excedentes na Europa, o Brasil vivia uma fase de transição da economia escravocrata para uma economia baseada na mão de obra livre, de forma que os contingentes populacionais europeus excedentes foram incentivados a buscar, na América, espaço de trabalho. Tal fato deu origem, no continente americano, à formação de núcleos de produção agrícola, no caso do Brasil, sob a forma da pequena propriedade, o que diversificava a estrutura produtiva local, além de alinhar o interior do país ao modo de produção capitalista. Os imigrantes vindos para o Rio Grande do Sul, especificamente para a encosta nordeste, tinham uma responsabilidade a mais: por receberem terras virgens, tinham a necessidade de povoar tais terras, abrindo estradas e melhorando as comunicações dentro e fora do Estado (PESAVENTO, *op. cit.*).

De acordo com Pesavento (*op. cit.*), ao chegar ao Rio Grande do Sul, os italianos teriam encontrado uma rede de comercialização já estabelecida por imigrantes alemães, o que facilitou a colocação de sua produção no mercado. Uma vez criados os canais de distribuição próprios dos italianos, eles criaram meios para a geração de um capital a ser investido em estabelecimentos comerciais que, futuramente, possibilitou a acumulação de capital capaz de promover a industrialização local. A autora destaca a cidade de Caxias do Sul como um grande centro comercial e posteriormente industrial, devido à fabricação de vinho, banha e farinha, sem, contudo, deixar de mencionar a importância da capital, Porto Alegre, como grande ponto de distribuição dos produtos da Colônia para o interior do estado, assim como para o restante do país e do exterior.

De Boni e Costa (1984) salientam a importância do comerciante no início da colonização e do desenvolvimento da industrialização da região:

Sua 'casa de negócio' diferia muito de uma firma comercial moderna, assemelhando-se mais a um misto de supermercado, banca transportadora, e manufatura de produtos agropecuários. Na casa de negócio, o colono encontrava tudo o que necessitava (...). Nos livros de contabilidade do comerciante, havia uma página para cada freguês, anotando-se nela, como crédito do cliente, a safra que foi entregue, e como débito, as compras que iam sendo feitas durante o ano. Muitas vezes, o colono entregava até suas economias em dinheiro ao comerciante, e este, de sua parte, fazia pagamentos a terceiros em nome do colono (DE BONI e COSTA, 1984, p. 213).

Pesavento (1985) chama a atenção para a forma como a indústria surgiu no cenário regional. Em alguns casos, os comerciantes aplicaram seu capital comercial, gerado no comércio, na montagem da indústria, caracterizada pelo uso de máquinas, emprego de ferramentas, significativo capital inicial e uso da força de trabalho assalariada. De outra forma, a indústria evoluiu da pequena unidade artesanal de origem familiar para a grande empresa fabril-manufatureira. Ocorreram, porém, casos nos quais a atividade comercial se deu em paralelo com o trabalho na produção artesanal familiar.

Pesavento (1985) cita, ainda, os pioneiros Pierucinni e Eberle como destaques na região de imigração italiana, pois foram empreendedores exitosos na fabricação e comercialização do vinho e na metalurgia, respectivamente. Houve casos, ainda, em que a pequena manufatura se associou a uma empresa já constituída, de modo que o capital comercial ganhou fôlego para se expandir em termos de força de trabalho e maquinaria.

O desenvolvimento industrial, e, consequentemente, econômico, de Caxias do Sul obedeceu a um padrão semelhante àquele observado no resto do país, por meio da utilização de técnicas e máquinas já empregadas nos países industrializados e adaptados às condições de uso locais (DE BONI e COSTA, 1984). Na segunda metade do século XX, as principais empresas da região, já tinha instalado filias em Porto Alegre. No ano de comemoração dos 50 anos de imigração italiana, Caxias do Sul possuía um comércio expressivo nos ramos de produtos suínos, de laticínios, na moageria, nas madereiras e no setor vinícola. As indústrias da área da metalurgia, entretanto, estariam ligadas não ao comércio e, sim ao artesanato. O trabalho artesanal de ferreiros, serralheiros e funileiros voltados para as necessidades da Colônia em expansão conseguiu se manter vivo até a Primeira Guerra Mundial, para só depois entrar em estagnação, quando teve de competir com os produtos estrangeiros que lhe tirariam os consumidores (GALLO *apud* TOMAZONNI, 2002). De acordo com Pesavento (*op. cit.*) por meio de atividades não capitalistas, como a agricultura colonial e o artesanato doméstico, foi possível uma acumulação de capital essencial ao surgimento da indústria.

Somente com o passar da Segunda Guerra, estas empresas pequenas adquiriram o formato de indústrias modernas, não devido ao capital comercial, mas ao capital de poupança, gerado no próprio estabelecimento. Mais alguns anos e surge o financiamento bancário que vai redefinir o modelo industrial brasileiro. Os pioneiros na expansão do comércio vinícola fora do estado foram Abramo Eberle e Antônio Pierucinni, vendendo seus produtos em São Paulo já, em 1890. Contudo, por volta de 1885, já haviam tentativas de negócios com os alemães estabelecidos na região do Vale do Caí e do Vale dos Sinos e

com portugueses de Porto Alegre (TOMAZONNI, 2002).

O primeiro registro de venda de vinho de Caxias do Sul para Porto Alegre data de 1889, impulsionando a produção vitivinícola da região e levando os comerciantes locais a se organizarem em associações visando defender seus interesses, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento dos transportes na região. Com a chegada do trem em 1910, a produção e o comércio vitivinícola se fortalecem de tal modo, a ponto de se tornarem a base da economia local durante toda a primeira metade do século XX, quando começa a perder força, dando lugar ao desenvolvimento da indústria na cidade. Esse fato se reflete na Feira Agroindustrial que acompanha a Festa da Uva, dado que desde 1950 a indústria metalúrgica automotiva tem obtido a participação mais expressiva no evento. Este setor atualmente responde por 70% do PIB do Município (TOMAZONNI, *op. cit.*).

Na análise de Kumar (*apud* BECKER, 2003) sobre o desenvolvimento regional, o estímulo aos valores culturais localizados regionalmente, ou ao chamado capital social existente, permite que algumas regiões construam seu próprio modelo de desenvolvimento, respondendo positivamente aos desafios regionais impostos pelo capitalismo global. Para Becker (*op. cit.*, p. 49) essa reação é consequência “da capacidade organizacional dos agentes regionais (econômicos, sociais e políticos), de superar as contradições e resolver os conflitos através da integração dos interesses locais com os interesses socioambientais regionalizados”. O autor cita como exemplo dessa configuração social as regiões de colonização do Rio Grande do Sul e o próprio Rio Grande, se comparado a outros estados brasileiros, destacando o papel exercido pelo capital social neste modelo de desenvolvimento: “assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse” (PUTNAM *apud* BECKER, 2003, p. 51). Adiante, o autor associa o capital social a uma coesão entre os sujeitos históricos, atores sociais: “um grupo cujos membros demonstrem confiabilidade e que depositem ampla confiança uns nos outros é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiabilidade e confiança (...)” (COLEMAN *apud* BECKER, *op. cit.*).

Pesavento (1985) lembra, a respeito dos colonos imigrantes que não encontraram boa posição no mercado comercial na época da incipiente industrialização, que:

Via de regra, os elementos egressos do mundo rural buscavam colocação em empresas formadas a partir de elementos da mesma etnia. Para os empresários, esta mão de obra era extremamente vantajosa, porque portadora de uma qualificação artesanal, apropriada portanto ao estágio fabril manufatureiro das empresas, na qual se combinava o uso incipiente

de máquinas com o trabalho manual do artesão (PESAVENTO, *op. cit.*, p. 34).

A passagem acima elucida a importância que o fator étnico cultural exerceu sobre o desenvolvimento da cidade, à medida que os imigrantes, unidos nas suas dificuldades, formavam um grupo coeso na busca de interesses comuns.

Conforme informa o IBGE (1996), atualmente, a economia de Caxias do Sul está dividida entre os seguintes setores: Indústria, 64,6%; Comércio e serviços, 33,34% e Agricultura, 2%. A economia industrial, por sua vez, está composta pelas indústrias metalúrgica de bens de capital (40%); indústria metalúrgica de bens de consumo (20%); indústria da alimentação (12%); indústria da fiação, tecelagem e vestuários (11%); indústria da madeira e moveleira (9%); e, indústria de material plástico (6,%)³.

2. Breve histórico do Museu Municipal de Caxias do Sul

O Museu Municipal de Caxias do Sul caracteriza-se como um museu histórico. Nele, numa determinada época do passado e uma definida sociedade podem ser identificadas e compreendidas através de diversos testemunhos. Estes testemunhos nada mais são que objetos do cotidiano, quer de uso pessoal, quer instrumentos e ferramentas de trabalho, ornamentos decorativos, imagens religiosas, brinquedos, documentos, enfim, objetos produzidos por pessoas e por elas utilizados, para criar um mundo ou para relacionar-se.

A museografia retrata a trajetória dos italianos e seus descendentes estabelecidos na antiga “Colônia Caxias”, desde 1875. Como imigrantes, integravam o contingente de trabalhadores excedentes durante a fase de expansão do capitalismo na Itália. Entre eles, estavam agricultores, marceneiros, carpinteiros, professores, pastores, tecelões, ferreiros, entendidos na fabricação de vinhos e laticínios, entre outros. Junto com suas famílias, tomariam posse das novas terras e realizariam o sonho de se tornarem patrões de si mesmos.

O acervo permanente do Museu Municipal descreve visualmente a forma de vida dos imigrantes, seus descendentes e as relações estabelecidas com as demais etnias presentes na região e o processo de ocupação e apropriação do espaço. Segundo Dal Bó e Machado⁴, a museografia implementada teve por preocupação dispor os objetos em uma

³ Disponível em <http://www.caxias.rs.gov.br>. Acesso em 26/11/2005.

⁴ Informações encontradas em polígrafo disponível na sala de atendimento ao público do Museu Municipal.

seqüência lógica que fizesse sentido para todos os usuários e não só para especialistas, produzindo um discurso museológico inteligível através da produção material ali exposta. Assim, segundo os autores a idealização da nova terra, as incertezas da viagem são retratados na primeira sala. A seguir, vêem-se os objetos e utensílios que ajudavam os imigrantes a superar as condições impostas pelo meio e a tristeza da separação, criando condições para construir uma nova vida. As habilidades e técnicas traduzem-se nos espaços dedicados ao linho, dressa, taquara, cipó e vime. Aqui também se visualiza a riqueza da região, traduzida nos instrumentos utilizados na produção vinícola. As características do espaço urbano são configuradas na terceira sala, seguida da arte sacra que, através das imagens rústicas de santos e na profusão de paramentos e alfaias, traduz a religiosidade dos imigrantes. O baratilho e a reprodução do interior de uma funilaria destacam o significado do comércio e da indústria na região. A última sala apresenta as diferentes formas de lazer e, daí, pode-se chegar ao pátio externo, que abriga peças de ferro, bronze, pedra e barro.

De forma suscinta, pode-se apresentar os ambientes que compõem o circuito de visitação pelo acervo do Museu Municipal da seguinte forma: a viagem, o trabalho, a cozinha, a marcenaria, o tropeiro (o comércio), o artesanato, o vinho (a vitivinicultura), a saúde, o quarto das famílias, a arte religiosa, a arte cemiterial, o mercado (a bodega), a indústria (a Eberle), o divertimento (os brinquedos). Por fim, há uma sala para exposições temporárias.

3. O desenvolvimento de Caxias do Sul pelos objetos do acervo do Museu Municipal

As informações a seguir apresentadas foram coletadas com uma das monitoras do Museu, solicitada a narrar o desenvolvimento econômico de Caxias do Sul através das peças expostas no acervo. Os termos que aparecem em itálico, ao longo do texto, são objetos encontrados no acervo do Museu, ao longo de seus ambientes.

A monitora inicia o trajeto pelo acervo explicando que, nos primórdios da colonização, o comércio era feito por meio de trocas. Troca do excedente colonial, por produtos que o tropeiro trazia. O tropeiro teria sido quem introduziu o comércio, vindo dos Campos de Cima da Serra e trazendo em suas viagens, mercadorias arrecadadas em vários estados. Na colônia, ele troca por excedentes produzidos pelos colonos como, por exemplo, o sal por pão, o sal por salame, por vinho. Na história do Brasil, o tropeiro é o paulista. Ele veio pra cá em busca do gado solto, montou comitivas pra vir pegar esse gado e levar pra

São Paulo, e viu a possibilidade de comercializar produtos de São Paulo em pequena quantidade, em falta na Colônia, dessa forma introduzindo o comércio em Caxias do Sul. Dentre os produtos por ele comercializados destacavam-se o tecido, o sal, o açúcar, o café, as louças e os aviamentos. No acervo do Museu, o tropeiro é representado por *objetos da ornamentação e da indumentária do gaúcho e do cavalo*.

A cultura do vinho, de acordo com a monitora, foi a que melhor se desenvolveu na cidade, porque o imigrante italiano trouxe o costume de cultivar a videira pra consumo próprio, sem fins comerciais. Aqui ele teria desenvolvido a cultura do vinho, a ponto de poder comercializar o produto. A cultura do italiano se marcou pelo cultivo do vinho. A tanoaria teve participação importante neste processo. É um trabalho de origem portuguesa que tem no carvalho sua matéria-prima. Da árvore do carvalho se fazem os tonéis, os barris. A partir da técnica da tanoaria, o imigrante pôde comercializar o vinho, pois o barril de carvalho propiciava o acondicionamento adequado do vinho. Antes do conhecimento das técnicas da tanoaria, o vinho produzido se estragava facilmente, uma vez que as viagens de transporte, dos produtores até o mercado consumidor chegavam a durar três ou quatro dias. Outro produto que era bastante comercializado era a banha de porco. Nem todos os imigrantes criavam porcos, que têm bastante gordura e essa gordura servia para cozinhar e também para a conservação da carne. Negociava-se, então, latões de gordura, pra quem não criava porcos, uma vez que a carne introduzida nesse latão se conservava por mais tempo.

No trabalho agrícola, a monitora ressalta que a matéria-prima mais utilizada era a *madeira* (no acervo, encontram-se várias peças de madeira). No período da imigração o ferro tinha preço elevado de compra e ainda se cobrava imposto sobre qualquer objeto que contivesse ferro, inclusive utensílios domésticos como panelas. Assim, os imigrantes tinham preferência pelo *cobre* que era mais barato e mais maleável, fazendo surgir um outro tipo de comércio que se desenvolveria bastante: a funilaria. Os funileiros faziam as *panelas*, as *lamparinas* e outros *utensílios domésticos* sempre com cobre.

A marcenaria teria se desenvolvido bastante e de forma rápida. Quem tinha habilidade procurava abrir uma casa de marcenaria. A imigração se desenvolvia rapidamente, trazendo levas e levas de famílias que precisavam ser abrigadas. As casas construídas na época eram todas de madeira (até mesmo por ser uma matéria abundante) desde a sua estrutura até a mobília. Grande parte dos utensílios domésticos e dos instrumentos de trabalho na agricultura também eram feitos de madeira. Até pratos nos primeiros anos eram de madeira. Na agricultura, alguns instrumentos usados na lavoura,

como o *rastel*, as *pás*, o *gadanho* (aquele cajado utilizado para cortar mato) tinham que ter ferro porque a navalha é o que cortaria o mato. O ferro era difícil de ser encontrado na colônia.

Segundo o discurso da monitora do Museu, o comércio, no início, girava em torno do linho e banha de porco, depois passou-se a vender o excedente da produção: salame, morsilha, presunto, vinho, queijo, a carne do porco (que misturada à carne bovina, gera o salame). Muita mercadoria era trazida de fora. O mel também teve um comércio expressivo, substituindo o açúcar não produzido na Colônia (o acervo possui uma *centrífuga de mel*). Quando chegava, o imigrante precisa trabalhar para abrir estradas o que viabilizou o comércio com as regiões vizinhas. O *fogão a lenha*, por exemplo, foi introduzido na cidade pelos alemães. Uma fábrica que existe até hoje, a Knob, pertence a uma família alemã que produzia, na época da imigração italiana, o fogão à lenha. A partir do fogão à lenha, os imigrantes italianos puderam ter o fogão dentro de casa. Até então usava-se o *folcolari*, no chão. Uma máquina que veio de outra cidade foi a *máquina de cortar massas*, que além de cortar, deixava a massa pronta pra ser cozida e consumida.

O Museu possui um *fogão*, feito numa funilaria, que utilizava o querosene com combustível. Ele foi produzido com a finalidade de esquentar marmitas na indústria Eberle, uma vez que era grande a quantidade de trabalhadores e, para isso, era preciso um sistema mais rápido de aquecimento dos alimentos que o fogo de chão, até então utilizado.

A monitora lembra que o comércio de Caxias do Sul, até hoje, é formado por um centro e Colônias nos arredores, de modo que o desenvolvimento do centro se deu de forma acelerada enquanto a Colônia ficou estagnada, tendo um desenvolvimento bem mais lento. O centro era abastecido por outras regiões dentro do estado. Apesar de durar três dias a viagem até Porto Alegre, nos primeiros tempos, os imigrante vinham em frotas com a mercadoria, formando com isso *casas de comércio*. O *alfaiate*, por exemplo, era uma profissão de elite, encontrado somente no centro e ao acesso das famílias mais abastadas. Na Colônia ainda se utilizava o *linho* para confecção das vestes diárias. A Colônia esperou muito tempo pela chegada da (suposta) civilização.

No ambiente do Museu dedicado ao trabalho manual, a monitora explica que a uva era amassada com os pés dentro da *mastela*, e do suco fermentado se fazia o vinho. Na funilaria, um dos principais produtos era o *alambique de cobre*. Nesse alambique, se fazia o processo de destilação, de onde saía a cachaça da uva feita com a sobra da uva pisada. Era um produto que vendia muito porque a maioria dos colonos tinha parreiral e produzia vinho no seu próprio terreno. Daí se aproveitava para fazer a graspera, utilizada até como

anestésico devido ao seu alto teor entorpecedor.

A atividade artesanal era feita por mulheres, homens e crianças. Era o trabalho extra, segundo o relato da monitora. Cada colono tinha sua produção familiar. A partir do *trabalho do trigo*, se fazia a *dressa* (que é trança em dialeto), os *chapéus* para o trabalho nas lavouras, *sacolas* para as crianças carregarem os livros pra escolas. Do linho plantado, se faziam os *tecidos*, do vime, que é uma planta também cultivada no parreiral, se faziam *cestos* chamados *bigúntios* pra carregar a uva. Até a cultura indígena contribuiu no artesanato do colono com os bambus, as taquaras, de onde também se faziam cestos, do marmelo também se faziam cestos pra carregar os frutos, a uva em especial.

Do trabalho na vitivinicultura, o Museu tem o *capei*, que é um funil. O capei do Museu é de vidro, mas, na verdade, eles eram feitos com vime, usados na colheita da uva. Na Itália, o parreiral era plantado sempre na vertical, aqui no Brasil, no entanto, se plantava as uvas na horizontal, acima da cabeça. Então, como o trabalho era pesado, e muito cansativo foram criadas alternativas para melhorá-lo: ou se pendurava o cesto de vime no pescoço ou se usava o capei. O capei é um funil, e enquanto o colono corta a uva com uma das mãos, com a outra ele segura o capei. De forma que os cachos da fruta caem dentro do capei. Quando o capei está cheio, ele despeja as uvas no cesto.

A monitora segue explicando que a *eslita* é um pedaço de madeira em forma triangular. Numa das pontas é amarrada uma corda, enquanto a outra extremidade da corda é presa na sela do cavalo. Quando o colono desce o parreiral e vai até o fundo dele, os cestos, os bigúntios chegam a carregar cerca de vinte quilos de uva. Ele põe a eslita no chão, arrasta até o fundo do parreiral e quando colhe as uvas, o colono põe os cestos cheios de uva na eslita e toca o cavalo. O cavalo vai puxar a eslita e vai facilitar o trabalho do colono. O Museu possui a figura de um importante comerciante de vinho, o *Sr. Antonio Pieruccini*. Ele produzia e vendia o vinho produzido na região para diversas capitais brasileiras.

O estabelecimento comercial representado no acervo é o bodegon, de *bodega* ou secos e molhados. No centro, houve vários estabelecimentos comerciais que se desenvolveram rápido. A bodega era o lugar onde era comercializado o que o tropeiro trazia, além dos produtos da Colônia. No interior da cidade é comum sempre ter uma bodega na região, na comunidade e sempre perto da Capela. Porque aos domingos os imigrantes iam à missa e já passavam na bodega para fazer as compras. Na bodega se encontram *objetos das funilarias, das marcenarias, tecidos, tamancos de madeira*, que eram produzidos aqui, *grãos* vendidos à granel. A bodega além de ser um estabelecimento

comercial era também o lugar que o homem freqüentava para suas práticas sociais. Fazia parte da sua cultura o filó, onde se conversava e bebia cachaça, e onde também se concentravam os jogos: jogos de carta, de bocha. Sempre tinha uma cancha de bocha perto da bodega.

Em 1910, com a vinda das estradas de ferro para Caxias do Sul, o movimento nas bodegas se intensificou com produtos vindos de Porto alegre. O Museu tem *um armário cheio de mercadorias* que vieram daquela época, como, por exemplo, os aviamentos. No Brasil eram poucas as fábricas de *aviamentos*. A maioria, naquela época, era produto importado: os botões, as linhas, as agulhas. O acervo do Museu tem *vasos de louça, bibelôs de louça, de vidro* que também eram difíceis de ser encontrados na época, bastante *pratos, travessas, e candelabros*. Artigos de luxo, naquele tempo eram também comercializados na bodega.

Na bodega, explica a monitora, o negócio era feito por anotações em cadernetas onde se marcava o que era comprado e o pagamento recebido de uma só vez no final do mês. Ou também tinha a história do 'fio do bigode': o colono deixava o fio do bigode na garantia do pagamento. Como a comunidade era pequena e todos se conheciam, se o homem deixasse o bigode com o bodegueiro e não pagasse a conta, todos ficariam sabendo. Com o tempo veio a moeda, que também passou a ser negociada no estabelecimento comercial, mas sem a substituição da caderneta.

O Museu tem uma sala representando a metalúrgica Abramo Eberle. Filho de uma família de imigrantes italianos, chegando à cidade família trabalhou numa funilaria, lidando com metais. Essa funilaria já estava pronta, era uma choupana de madeira, da qual algumas peças originais encontram-se expostas no acervo do Museu, como a *calhandra*, usada para dobrar a chapa de ferro, na máquina de ferro; as *bigornas* pra bater, martelar o ferro; *o fole* pra controlar o fogo que era usado dilatação do ferro. Os produtos fabricados eram vendidos na Colônia, negociados como os próprios colonos. A história da Eberle, no entanto, tem participação direta da esposa do Senhor Abramo, o que era um fato isolado para a época. A mulher, Giggia Bandeira fazia *produtos de cobre*, porque o seu José Eberle não gostou de trabalhar na funilaria, preferindo trabalhar como agricultor. Por dez anos, ela e os filhos faziam objetos de cobre: *funis, panelas, lamparinas* e vendiam para os imigrantes italianos. Só quando o filho mais novo, Abramo Eberle, completou 16 anos, a funilaria foi comprada e, a partir desse momento, a empresa passou a se expandir.

A Eberle, segundo a monitora, é importante na história da cidade porque foi uma das primeiras empresas a contratar mão de obra. A economia da Colônia era toda familiar e

a Eberle teve de efetuar contratações pelo excesso de trabalho que tinha. Abramo Eberle se viu obrigado a ter sócios para coordenar a empresa na sua ausência, uma vez que ele viu a necessidade de procurar produtos pela Europa, não só no Brasil, tendo que fazer longas viagens em busca de máquinas e idéias. De modo que entre 1925 e 1930, Abramo Eberle tinha um representante, ou uma filial da loja ou da metalúrgica em cada estado brasileiro, expandindo seus negócios território nacional afora. Ele tinha negócios no Uruguai e na Argentina. Seus produtos iam desde *artigos religiosos* até *peças pra cavalaria e bibelôs de ferro, talheres e botões*. Até mesmo os primeiros motores do Brasil foram produzidos pela metalúrgica Eberle.

Abramo Eberle faleceu em 1945, deixando suas empresas para gerenciamento da família. Atualmente a Mundial Eberle é uma empresa multinacional, não mais pertencendo à família Eberle. O trabalho de Eberle impulsionou o desenvolvimento do pólo metal mecânico da cidade, através da expansão conseguida por suas empresas, abrindo os olhos daqueles que tinham funilaria e trabalhavam com metais.

Considerações finais

Na visita monitorada pelo Museu são destacados pontos como o papel desempenhado pelo tropeiro no desenvolvimento do comércio da cidade, a importância da cultura do vinho e do desenvolvimento de atividades como a marcenaria e a funilaria, a participação de toda a família no trabalho artesanal, a forma de funcionamento das casas de comércio ou bodegas e a importância da família e indústria Eberle para o desenvolvimento do setor metalúrgico de Caxias do Sul.

O discurso do Museu menciona a contribuição de outras etnias para o desenvolvimento da cidade: o tropeiro, o português, o alemão, o índio, fato que não se observa tão nitidamente na bibliografia consultada sobre o assunto, com exceção ao papel desempenhado pelo imigrante alemão que chegou ao Estado 50 anos antes do italiano. Essa leitura diferenciada é possibilitada pela exposição das peças do acervo, sua contextualização e o entendimento de que mesmo oriundas de outras etnias, tais peças teriam sido incorporadas ao dia-a-dia do imigrante italiano.

Ressalta-se, então, a vida difícil de um imigrante que veio ao encontro de uma terra onde 'de tudo dava' e encontrou terrenos despovoados onde tudo havia ainda por ser feito. Com isso, fortalece-se o imaginário do imigrante italiano como um homem trabalhador, forte, vencedor de muitos desafios e responsável pela construção de uma cidade rica e

desenvolvida economicamente como Caxias do Sul.

Referências bibliográficas

RIBEIRO, C. P. **A imigração italiana na Serra Gaúcha**. Caxias do Sul: CIC, 2002.

BECKER, D. F. A economia política do (des)envolvimento regional contemporâneo. IN: BECKER, D. F.; WITTMANN, M. L (Orgs.). **Desenvolvimento regional**: abordagens interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNIS, 2003, p. 37 – 66.

TOMAZONNI, E. L. **Organização de férias de negócios**: um modelo de festão para as feiras de negócios de Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul, 2002. Dissertação de Mestrado.

PESAVENTO, S. J. **História da indústria sul-rio grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

DE BONI, L. A.; COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.